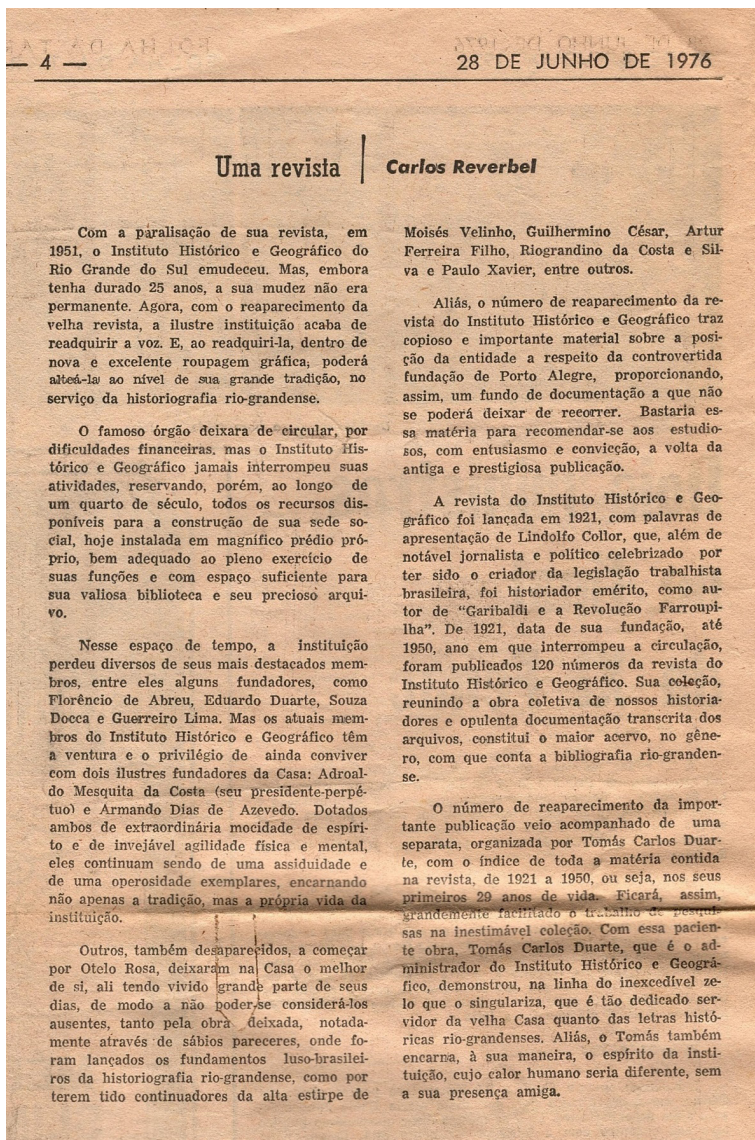


O RETORNO DE UMA REVISTA

Carlos Macedo Reverbel (Quaraí/RS, 27/07/1912 – Porto Alegre, 27/06/1997), membro do IHGRGS (que detém a custódia de seu acervo), foi jornalista, tendo atuado por muitos anos no jornal *Correio do Povo*, dedicando-se posteriormente à escrita de crônicas, biografias e história da literatura do Rio Grande do Sul. Em 1976, no jornal *Folha da Tarde*, Reverbel saudava o relançamento da Revista do Instituto, com a seguinte nota:



Uma revista

Carlos Reverbel

Com a paralisação de sua revista, em 1951, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul emudeceu. Mas, embora tenha durado 25 anos, a sua mudez não era permanente. Agora, com o reaparecimento da velha revista, a ilustre instituição acaba de readquirir a voz. E, ao readquiri-la, dentro de nova e excelente roupagem gráfica, poderá alçar-se ao nível de sua grande tradição, no serviço da historiografia rio-grandense.

O famoso órgão deixara de circular, por dificuldades financeiras, mas o Instituto Histórico e Geográfico jamais interrompeu suas atividades, reservando, porém, ao longo de um quarto de século, todos os recursos disponíveis para a construção de sua sede social, hoje instalada em magnífico prédio próprio, bem adequado ao pleno exercício de suas funções e com espaço suficiente para sua valiosa biblioteca e seu precioso arquivo.

Nesse espaço de tempo, a instituição perdeu diversos de seus mais destacados membros, entre eles alguns fundadores, como Florêncio de Abreu, Eduardo Duarte, Souza Doca e Guerreiro Lima. Mas os atuais membros do Instituto Histórico e Geográfico têm a ventura e o privilégio de ainda conviver com dois ilustres fundadores da Casa: Adroaldo Mesquita da Costa (seu presidente-perpétuo) e Armando Dias de Azevedo. Dotados ambos de extraordinária mocidade de espírito e de invejável agilidade física e mental, eles continuam sendo de uma assiduidade e de uma oporosidade exemplares, encarnando não apenas a tradição, mas a própria vida da instituição.

Outros, também desaparecidos, a começar por Otelo Rosa, deixaram na Casa o melhor de si, ali tendo vivido grande parte de seus dias, de modo a não poder-se considerá-los ausentes, tanto pela obra deixada, notadamente através de sábios pareceres, onde foram lançados os fundamentos luso-brasileiros da historiografia rio-grandense, como por terem tido continuadores da alta estirpe de

Moisés Velinho, Guilhermino César, Artur Ferreira Filho, Riograndino da Costa e Silva e Paulo Xavier, entre outros.

Aliás, o número de reaparecimento da revista do Instituto Histórico e Geográfico traz copioso e importante material sobre a posição da entidade a respeito da controversa fundação de Porto Alegre, proporcionando, assim, um fundo de documentação a que não se poderá deixar de recorrer. Bastaria essa matéria para recomendar-se aos estudiosos, com entusiasmo e convicção, a volta da antiga e prestigiosa publicação.

A revista do Instituto Histórico e Geográfico foi lançada em 1921, com palavras de apresentação de Lindolfo Collor, que, além de notável jornalista e político celebrado por ter sido o criador da legislação trabalhista brasileira, foi historiador emérito, como autor de "Garibaldi e a Revolução Farroupilha". De 1921, data de sua fundação, até 1950, ano em que interrompeu a circulação, foram publicados 120 números da revista do Instituto Histórico e Geográfico. Sua coleção, reunindo a obra coletiva de nossos historiadores e opulenta documentação transcrita dos arquivos, constitui o maior acervo, no gênero, com que conta a bibliografia rio-grandense.

O número de reaparecimento da importante publicação veio acompanhado de uma separata, organizada por Tomás Carlos Duarte, com o índice de toda a matéria contida na revista, de 1921 a 1950, ou seja, nos seus primeiros 29 anos de vida. Ficará, assim, grandemente facilitado o trabalho de pesquisas na inestimável coleção. Com essa paciente obra, Tomás Carlos Duarte, que é o administrador do Instituto Histórico e Geográfico, demonstrou, na linha do inextinguível zelo que o singulariza, que é tão dedicado servidor da velha Casa quanto das letras históricas rio-grandenses. Aliás, o Tomás também encarna, à sua maneira, o espírito da instituição, cujo calor humano seria diferente, sem a sua presença amiga.